

Preparativos para que se realizem as Batalhas de Flores

A fim de contactar com os componentes da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé acerca das possibilidades da realização das Batalhas de Flores de 1965, o Sr. Governador Civil de Faro convidou os para uma deslocação àquela cidade.

O encontro já se efectuou e os resultados devem ser frutuozos, pelo que se prevê a efectivação dos nossos festejos.

(Avença)



NOVEMBRO — 15

ANO XII N.º 311

1 9 6 4

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO

Tel. 154 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETARIO

Redacção e Administração

GRAFICA LOULETANA

Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

Duarte Pacheco

Quando em 1951 me foi dada a honra de colaborar no *In Memoriam* em homenagem a Duarte Pacheco, sob o título *Orgulho de Loulé*, honra da Nação, dizia a terminar o meu modesto artigo: Loulé tem de mostrar ao país que não é um povo de inferior nível social, ingrato e rude ao ponto de desconhecer o valor real dos seus filhos. Sem repudiá-lo o projecto do monumento à sua memória, entregue às Câmaras e ao Estado, afligiu-se-me da maior utilidade social fazer-se, quanto antes, em Loulé uma escola técnica, dar-lhe o seu nome, e no átrio de honra dessa escola colocar-lhe o seu busto em bronze, para atestar aos seus patrícios e para a história, de que aqui, em Loulé no dia 19 de Abril de 1900 nasceu Duarte Pacheco, uma

grande inteligência, uma vontade esclarecida e forte, um dos grandes construtores nacionais e um

Pelo Dr.

Maurício Monteiro

aqueles portugueses de que reza a história: Antes quebrar que torcer!...

O monumento, homenagem dos municípios e da Nação, obra admirável de uma elevada concepção artística, já Loulé se orgulha de possuir. A escola técnica já funciona, constituindo um dos mais esclarecidos e úteis melhoramentos valorativos que Loulé e o seu concelho desfruta. Muitas das

(Continuação na 2.ª página)

Recordar é viver

Uma figura HISTÓRICA natural de Loulé

O dia 16 do corrente, assinala mais um aniversário da trágica morte de Duarte Pacheco um dos vultos nacionais de maior projecção dos últimos cinquenta anos.

O seu curto trânsito pela vida, ceifada num trágico e emocionante desastre aos 45 anos, ficou assinalado na obra de resurgimento Pátrio, pela mais devotada e grandiosa consagração ao progresso de um Povo

(Continuação na 4.ª página)

AINDA O PARQUE E A ESCOLA

Carta de M. G.

A fim de que J. R. se não agaste com a menor solenidade da resposta, substituímos o postal pela epistola.

Com honras de primeira página e inusitado realce, J. R., além do mais, chamou a si, senso crítico bastante para classificações do jeito de «descabido», «injusto e até desleal», embora refugiado em modestia de limitações de inteligência nas comparações da mesma, taxando-se de espírito justo, ao abrir o presente debate, em 18 de Outubro.

E de que maneira?

Com passagens cuja «justiça e elegância» se elidem de tiradas como as que se recordam: «... crime contra Loulé». Ora, se se pensar que autor do crime é criminoso, ocorre perguntar a J. R. se o seu evolucionário vocabulário não dispõe de expressão mais elegante para credenciar a sua razão... Mas, não é tudo. Atende-se nesta: «Não cremos que se trate de recelo de que executada, a construção do parque venha trazer à lembrança uma época áurea do desenvolvimento de

Loulé ou nomes de pessoas que viam para além do dia de hoje...».

Aquela, «pessoas que viam para além do dia de hoje» é um verdadeiro «mimo de elegância», na medida em que está estabelecida uma comparação entre os dirigentes elogiados e os censurados, atinge as raias do... requinte!

E talvez a essa luz que se explicará a correcção do nosso «clans» pelo seu «alás clás», do qual nos penitenciamos por o termos colhido de Francisco Torrinha, Prof. Efectivo do Liceu Rodrigues de Freitas e da Escola Industrial de Faria Guimarães, no seu «Dicionário da Língua Portuguesa, para os estudantes e para o povo», 6.ª edição, 3.ª milhar, pag. 341.

Quanto ao Parque, supomos tranquilizado o louletanismo do nosso interlocutor, visto já saber que não será sacrificado nem destruído. A resposta dada ao seu confrade na campanha em marcha, Repórter X, no «Jornal do Algarve» que veio a público no sábado, 7, dispensa-nos de repetir as explicações dadas.

(Continuação na 2.ª página)

Nota de J. R.

A nossa discordância quanto à projectada implantação da Escola Técnica na Quinta do Pombal, deu lugar a uma espécie de batalha de artilharia que entre si tem trocado setas velozes.

Por vezes partem duas do mesmo arco antes que o parceiro (intencionalmente afastamos a palavra adversário...) tenha tempo para se rearmar.

Apesar de, por vezes um tanto aquecidas, cremos que as flechas, pelo menos nas intenções

(Continuação na 2.ª página)

A construção do edifício para a Escola Técnica pode proporcionar a LOULÉ uma oportunidade ímpar de se tornar uma grande e próspera Vila

Por que se trata de um problema que deve preocupar todos os louletanos e amigos de Loulé, como município, entendendo ser meu dever exteriorizar publicamente a minha modesta opinião acerca de um problema em debate na «Voz de Loulé» e que considero de transcendente importância para o futuro de uma terra que muito estimo.

E ao fazê-lo, pretendo exprimir a minha máguia pela infeliz ideia de se pretender roubar

precioso espaço a um recinto cuja existência poderia e deveria orgulhar quantos aqui vivem.

Não consigo compreender porque motivo a Câmara de Loulé escolheu o Parque para construir um edifício que necessita de 28.000 m² quadrados, quando afinal Loulé pode e tem absoluta necessidade de se expandir nos 4 pontos cardeais, porque não tem sérios obstáculos a impedir o seu alargamento.

Afigura-se-me que a construção de um edifício de tão grande porte poderia marcar o início duma necessária evolução urbanística de Loulé de modo a transformar em belas zonas residenciais o que hoje são propriedades agrícolas a 2 passos do centro da Vila. Isso aconteceu na vizinha

(Continua na 3.ª página)

O aproveitamento termal da FONTE SANTA VAI SER UMA REALIDADE

O que nos disse o sr. general Antunes Cabrita
Presidente do Conselho Administrativo da «Sotagua»

Afora o atractivo efémero das amendoeiras floridas, o nosso Algarve vivia num isolamento quase igual ao de há muitos séculos.

O fenómeno da afluência massiva dos turistas à terra algarvia, consequência natural duma propaganda intensiva por parte dos

nossos visitantes e dos organismos oficiais, atraíu as atenções de quantos se interessam pelo desenvolvimento do turismo no nosso País. Todos sabem que, o Algarve ocupa o primeiro posto no plano do turismo nacional. E aos louletanos, em especial, não pode ser indiferente o que se pretende fazer no seu Concelho.

Pessoa amiga informou-nos de que se encontrava hospedado no Hotel do Garbe o Senhor General Antunes Cabrita, presidente do Conselho de Administração da «Sotagua», sigla adoptada pela «Sociedade de Empreendimentos Turísticos de Quartelra». A fim de satisfazer a nossa própria curiosidade e a de muitos leitores igualmente curiosos em saber o que se pretende fazer na Fonte Santa, procurámos o illustre militar, que, prontamente e com grande amabilidade, se prestou a responder às nossas perguntas.

Constou-nos, Senhor General que como concessionária do direito de prospecção hidrográfica da Fonte Santa, a «Sotagua» pretende fazer, daquela nascente termal, uma das maiores estâncias balneares conhecidas?

(Continua na 4.ª página)



O Sr. General Antunes Cabrita responde às nossas perguntas

O CARNAVAL APROXIMA-SE

O tempo vai correndo veloz e os louletanos já começaram a interrogar-se mutuamente: «Haverá Carnaval este ano?» Ninguém o saberá ao certo, mas a resposta é sempre negativa... porque o Carnaval deste ano foi em Fevereiro... mas as pessoas é que gostam de brincar ao carnaval mesmo fora da época própria.

Concretamente não se sabe ainda se se realizarão ou não as tradicionais Batalhas de Flores de Loulé de 1965. E é pena que assim seja porque em muitas terras se organizam excursões com cotizações semanais ou mensais para uma deslocação a Loulé e estas não terão certamente inscrições se a dúvida persistir.

Este pormenor poderá ter alguma importância na afluência de forasteiros, mas é apenas um pormenor. O que é realmente importante é que se não perca a tradição; o que tem realmente importância é que se não perca uma importantíssima fonte de receita para o Hospital de Loulé; o que realmente nos preocupa é

que Loulé deixe de proporcionar aos seus habituais visitantes um espectáculo garrido, de cor e beleza e que é um autêntico cartão turístico da nossa província; o que é realmente desolador é pensar que a não efectivação do Carnaval de Loulé simbolizará a decadência da capacidade realizadora de um povo cujo bairrismo teve fama e que sempre se evidenciou entre as demais terras do Algarve.

A não realizar-se a nossa festa
(Continua na 4.ª página)

O comércio DE LOULÉ MODERNIZA-SE

Transferida da Rua das Lojas, reinstalou-se há dias num moderno edifício da Praça da República a conhecida «Casa Mimosas», estabelecimento especializado em artigos confeccionados para senhora e homem e que ficou sendo mais um elemento valorizante não só da nossa melhor artéria comercial como da própria Vila.

Temos assim a satisfação de verificar que o comércio de Loulé está gradualmente a modernizar-se, não sendo exagero afirmar que a «Casa Mimosas» e mais alguns estabelecimentos podem ser equiparados às boas casas que se situam na Baixa de Lisboa.

Felicitemos os proprietários pelo espírito de iniciativa demonstrado e desejamos as maiores prosperidades comerciais.

Centro Polivalente

A propósito do que no n.º 309 deste jornal foi dito acerca do Centro Polivalente, recebemos uma pormenorizada carta do sr. Dr. Angelo Delgado, que, devido à sua extensão, não nos é possível publicar no presente número, ficando por isso reservada para o próximo.

As nossas desculpas pela demora.

Do «Diário Popular»

Quem são os valentes?

Quando, em Fevereiro deste ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, a entidade sobre quem recai o peso da responsabilidade respectiva, anunciou não poder realizar as tradicionais e velhinhas Batalhas de Flores de Loulé, logo um mar clamoroso de revolta se levantou contra tal atitude que a nós nos não coube comentar na altura, e muito menos agora.

Mas... um pouco curiosos por estas coisas do Algarve e amando muito a nossa terra, tomámos nota dos desabafos então proferridos, quer em troca de comunicados, como se existisse uma guerra entre nações, quer em prosa vinda a público nos jornais

da Província, quer ainda nas frases proferidas de viva voz, atiradas aos ouvidos de quem as quisesse ouvir.

E apareceram, na ocasião, os

(Conclui na 2.ª página)

BATALHAS DE FLORES

Nota-se haver uma certa oia vontade de que se realizem no próximo Carnaval as tradicionais batalhas de flores, em Loulé. Julgamos sincero esse desejo, pois

que desapareceram algumas ilusões fortemente acalentadas no passado Carnaval.

Ainda bem, e que o futuro nos traga mais compreensão e sincera vontade de contribuir para a efectivação dos festejos, que muito necessitam da colaboração dedicada, leal e efectiva de todos.

Estão, segundo é corrente, fortemente empenhadas, as entidades

(Continuação na 2.ª página)

Respigámos...

... do «Jornal de Letras e Artes» o termo «poeta» aplicado a uma senhora, e escrito por crítico responsável.

Sempre nos ensinaram, na escola, que o feminino de «poeta» era «poetisa», como de escritor era escritora, ou de prosador, prosadora. Mais tarde, nos estudos subsequentes que empreendemos, de novo nos disseram ser «poetisa» o feminino de «poeta». Pela vida fora assim o tomámos, desde então.

Agora apareceu alguém, com responsabilidades na matéria, re-

(Continuação na 2.ª página)

PANORÂMICAS DE LOULÉ...

Não há dúvida que o número de motorizadas existentes neste concelho é extraordinariamente elevado. Tal facto justifica-se por ser um concelho mal servido pelo Caminho de Ferro, com um sistema rodoviário bastante desenvolvido e desfrutar de um nível de vida relativamente elevado, dada a ajuda que os fundos de emigração prestam e à extraordinária pulverização da propriedade rural, onde, quase todos, têm o seu bocadinho de terra.

Daqui resulta que, para a deslocação da população que o constitui, o veículo ideal se tornou a bicicleta motorizada e esta impõe a sua supremacia aparecendo em número proporcionalmente superior ao de qualquer outro concelho.

Assim sendo, é fácil ver-se ao

sábado, dia que se estabeleceu o hábito de vir à Vila, o movimento desusado de bicicletas em trânsito, encostadas aos passeios, ou servindo mesmo de meio de ostentação, em passeio pelas diversas artérias.

Além do ruído incómodo que algumas destas máquinas produzem, umas por vaidade dos seus utentes para se darem ares de motociclistas, outras porque o desgaste dos motores, já não consegue silenciá-las, outras conduzidas por meninos bonitos que querem mostrar a sua pericia de condutores exímios na passagem de tangentes e em curvas apertadas, tornam-se perigosas, não só para quem as guia como para o trânsito de peões.

Na rua 5 de Outubro espe-

(Continua na 3.ª página)

DUARTE PACHECO

(Continuação da 1.ª página)

suas congêneres ostentam títulos representativos de altos valores regionais ou nacionais. A escola técnica da terra onde nasceu Duarte Pacheco não tem título ou nome a ilustrá-la. Dando à escola técnica de Loulé o nome de um dos seus mais ilustres filhos praticaria a terra que lhe foi berço uma das mais significativas e mais justas homenagens de reconhecimento ao Homem que, na mais bela quadra da sua vida, quando se vive ainda para nós mesmos, para o sonho e para o amor, se deixou absorver pelo febril desejo de trabalhar, construir, valorizar a Nação, a cujo serviço havia hipotecado a sua saúde e sacrificou a sua vida.

Tomo a liberdade de lembrar, ao devotado louletano e dedicado Presidente da Câmara Municipal de Loulé, para que empregue os seus melhores esforços no sentido de, sem demora, ser dado à Escola Técnica o nome do grande construtor nacional e ilustre louletano: Duarte Pacheco. E quando, mais tarde, construída a escola definitiva, colocar-se-lhe no átrio o seu busto ou medalhão, para que a mocidade que ali for buscar saber e a sua preparação para a vida, possa inspirar-se no Homem de estudo e de acção que para o trabalho viveu e ao serviço da Nação entregou a sua alma a Deus. Há poucos dias, no *Diário de Lisboa*, um leitor deste jornal lançava a ideia de se perpetuar numa *saudeira* em pedra a acção desse visionário criador que transformou a desnuda terra de Monsanto num maravilhoso parque florestal, criando a dois passos da capital o refúgio pulmonar dos lisboetas intoxicados, repleto de umbrosos recantos, onde as massas populares se reconfortam dos seus trabalhos e se desfrutam do alto dos seus miradouros um dos mais belos panoramas do país. Tal iniciativa traduz justiça e agradecimento ao Homem que soube transformar um descampado em riqueza, o isolamento e a afeição em vida, movimento e beleza!

Associo-me inteiramente a esta iniciativa que será aplaudida pela opinião pública e deverá ter pronta execução por parte da Câmara Municipal de Lisboa, cuja cidade Duarte Pacheco tanto honrou e soube enriquecer com obras do mais elevado interesse económico e social.

Tem agora a Câmara Municipal de Loulé mais uma oportunidade para prestar uma homenagem a esse grande construtor nacional, esse sacrificado da Causa Pública e seu ilustre filho que se chamou Duarte Pacheco, dando-lhe sem demora, o seu nome à Escola Técnica, essa escola do trabalho que ele em vida tão generosamente soube glorificar!

Maurício Monteiro



Maria do Rosário Mendonça

AGRADECIMENTO

José Rodrigues Apolinário e filhos, na impossibilidade de agradecer directamente, por falta de legibilidade de endereços, vêm, por este meio, testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada sua saudosa mulher e mãe, e às que por qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar, bem como aqueles que se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta, durante a sua doença.

J. Pereira da Costa

ODONTOLOGISTA

Consultório:

Av. José da Costa Mea-
lha, 39-1.º (em frente ao Ci-
nema).

Telefone 114

LOULÉ

O PNEU que mais barato lhe sai por Km.

é o da

MABOR General

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

Batalhas de Flores

(Continuação da 1.ª página)

des oficiais e particulares, na realização das batalhas de flores que a nossa terra se tem esmerado em levar a efeito, para satisfação e encanto dos naturais e perfeito agrado das pessoas que nos têm honrado com a sua visita. Estas festas que têm sido um propósito firme e inabalável dos louletanos, têm gerado porém algum cansaço e quicá, mesmo, uma certa quebra de directrizes. Razões para isso? Várias e variadas que objectivamente nos propomos apontar.

Em primeiro lugar, o desejo de realizar anualmente as batalhas de flores. Como todos sabem é fatigante e obriga à repetição incessante daquilo que já se fez. É muita a inventiva popular e algumas concepções de carros deixaram indeléveis recordações de beleza e de encanto, que todos lembram com enlevo e saudade, mas tudo cansa e extenua. A repetição anual dos festejos ocasiona diversas dificuldades, que nem sempre se conseguem superar.

Outra razão importante, pode filiar-se no facto das famílias da localidade que organizavam carros e os trazia para o certame tripulados por si ou pelos seus familiares, se terem ausentado da competição. Para estimular essa participação enveredou-se, sem dúvida, pelo caminho da concessão de subsídios para a manufatura dos carros. Isto que parecia uma solução boa, tem-se revelado na prática inoperante, porque as famílias da localidade que poderiam fazer carro, não desejam esse desdouro. É humano e compreensível entrar em linha de conta, assim, preferem entrar como simples espectadores. É mais cómodo e não traz preocupações de nenhuma espécie, que só quem faz carro conhece e sabe avaliar.

Tem-se recorrido ultimamente aos carros de reclame comercial, os quais embora lindamente apresentados, não trazem contudo ao cortejo aquele espírito de poesia

Respigámos...

(Continuação da 1.ª página)

petimos, a dizer que não, talvez com o advento da «nova» poesia. Pobre Língua Portuguesa, para que mais estarás tu guardada?!

... dos jornais desportivos... o «miolo» do campo. Desde a idade do bibe e calção, sempre ouvimos falar no «miolo do campo», do centro e dos extremos. Mas, agora, os nossos críticos do futebol, e doutros desportos tomaram como bom, um termo que os brasileiros nos impingiram. E como a mania de imitar quanto vem de fora é superior às nossas forças de defesa do idioma pátrio, vá... «miolo» do campo.

Não seria melhor, de facto, que tais rabiscadores da prosa tivessem tento no «miolo»?

... deste próprio jornal, a boa nova de que R. P. volta, novamente, com o fulgor da sua inteligência e o brilho da sua pena, a colaborar na *VOZ DE LOULÉ*. Daqui desta bancada, lhe desejamos, sinceramente, que as suas panorâmicas se mantenham por muitos anos, em defesa do que em Loulé precisa de ser defendido.

Mário Leppo

Pensão Joaquinita

Por motivo de falta de saúde dos proprietários, arrenda-se ou trespassa-se a conhecida Pensão Joaquinita.

Tratar no próprio estabelecimento ou pelo telefone 13 — Loulé.

Novidades literárias

PELO PREÇO DE SALDOS

Escreva directamente à EDITORIAL — Apartado 2096 — Lisboa 2.

Envios à cobrança sem mais despesas. Peça catálogo do nosso fundo editorial, pois concedemos facilidades de pagamento.

LOTE 13 (54\$00): «Porque não vencemos?», de GOLLWATER; «Espíões atómicos» e «Um psicólogo num campo de concentração».

LOTE 14 (48\$60): «O Demónio do Mar Vermelho»; «Os grandes inventores» e «Lawrence da Arábia».

LOTE 15 (40\$50): «Pode mudar a sua vida pelo poder psíquico»; «O homem do Everest» e «Drogas maravilhosas».

LOTE 16 (54\$00): «Espionagem atómica» e «Piloto de guerra».

e encantamento, aquele espírito de desinteresse e beleza que caracteriza os carros alegóricos propriamente ditos sem qualquer mira de competição comercial. São aceitáveis em número diminuto e sem generalização, sempre perigosos.

Para conseguir dar vitalidade aos festejos, temos conhecimento do alvitre de fazer participar todo o Algarve na realização nas nossas batalhas de flores com carros alegóricos ou representativos do seu folclore ou artesanato, porque os festejos, trazendo ao Algarve inúmeros forasteiros, dão consequente desenvolvimento e proveito a muitas outras terras da Província. Sabemos bem intencionado o alvitre, mas achamos, quanto a nós, impraticável essa comparticipação, pelas dificuldades de execução, e ainda pelas implicações que acarretaria, ferindo o bairrismo e os sentimentos de altruísmo da nossa terra.

Como fazer então as batalhas de flores no próximo ano?
Solimão Fagundes

Quem são os valentes?

(Continuação da 1.ª página)

tais valentes, os tais que só falam quando nada têm a perder ou quando a sua presença já não é precisa para nada. E blasfemam contra a falta dos cortejos carnavalescos a qual (no dizer deles) lhes acarretou prejuízos (é aqui o ponto nevrálgico da questão!), porque, não sendo feitas as Batalhas de Flores, muitos forasteiros deixaram de vir ao Algarve e, deste modo, não meteram nas suas algebeiras alguns milhares de escudos. Até aqui, tudo certo!

A efervescência foi morrendo naturalmente, as alterações ondas foram acalmando e, por fim, tudo caiu na plácida quietude do silêncio e do esquecimento. Até que...

... até que alguns jornais hebdomadários do distrito, pelo aparo dos seus redactores ou dos seus correspondentes, alertaram o problema e o trouxeram ao conhecimento das suas preocupações. Faz-se ou não se faz o Carnaval de Loulé de 1965? Não nos consta, neste momento presente, que qualquer pessoa ou entidade com possível responsabilidade no desiderato tivesse informado fosse do que fosse sobre o caso (ter-se-iam esgotado os comunicados tão espalhados à folha larga, em Fevereiro passado?).

Não é aqui, todavia, que queremos chegar. Aonde pretendemos ir com esta desataviada linguagem é um pouco mais longe. É exactamente chegar perto dos «valentes» de há oito meses e perguntar-lhes por que razão não aparecem agora a querer saber se há ou não batalha e, havendo a possibilidade da sua realização, porque não oferecem os seus préstimos, sollicitamente, à respectiva Comissão Organizadora?

Os tais valentes que falaram depois dos factos consumados, deviam aparecer agora, imbuídos da mesma boa vontade de que se fizessem os Cortejos. E de boas vontades que Loulé precisa, certamente, e o seu Carnaval. De boas vontades sinceras e desinteressadas, entenda-se, já que os lucros, quando os há, se destinam a uma obra de benemerência de que toda a Província, em parte, beneficia.

Que apareçam pois, os tais valentes!

DINIZ AMARO

Do «Jornal do Algarve»

MEIO CAIXEIRO

PRECISA-SE

Tratar na Casa Vargas
LOULÉ

Chapa Ondulada de Alumínio para Coberturas de ALCAN S. A.



- Não oxida
- Não requer pintura nem conservação
- Mais leve, pelo que as estruturas ficam mais baratas
- Reflete o calor
- Fácil de montar

DISTRIBUIDORES GERAIS PARA O ALGARVE

MAREFA

Materiais & Representações de Faro, Limitada

Rua Dr. Cândido Guerreiro, 21-B — FARO

AGENTES GERAIS:

SANTOS MENDONÇA, L.DA

Lisboa

Porto

POSTAL de FARO

Movimento Citadino

A extraordinária expansão que a capital algarvia tem vindo a registar nos últimos anos é um facto evidente que duvidamos exista alguém que lance uma dúvida sobre esta verdade. Com esse desenvolvimento um outro factor tem também surgido, e cremos que em todo o mundo, e se refere à complexidade do trânsito. É já considerável o número de veículos que circulam na cidade, que mormente na parte baixa não dispõe de artérias suficientemente amplas que permitam um normal escoamento desse trânsito em condições eficientes.

E surgem tantas vezes cruzamentos onde a vida humana peca e o que é mais grave já motivando desastre mortal. Alguns como se imponha numa cidade evoluída dispõem do seu sinalizador, esse útil controlador do trânsito. Mas lamenta-se que em cruzamentos difíceis, mas de dificuldade de primeira ordem, não disponham do agente da autoridade que disciplinasse o trânsito e acautelasse tantas vidas humanas. De particular modo nos queremos referir ao cruzamento da estrada de circunvalação com as ruas Horta Machado e de S. Luís e ao existente frente à Caixa Geral de Depósitos. Neste último já existiu um sinalizador mas por razões que o público não vislumbra foi retirado, com evidente prejuízo de condutores e peões. Se ao menos ali existissem as faixas de passagem para peões! Mas nem isso! No outro, sito perto do mercado e ponto obrigatório de passagem para a quase to-

BOLIQUEIME PADARIA

Arrenda-se ou trespassa-se uma padaria, com casas de habitação anexas.

Tratar com Eduardo Lisboa Correia — Telef. 104 — Boliqueime.

talidade de quantos percorrem a província algarvia do barlavento para o sotavento ou no sentido inverso, ainda há poucos dias foi a vez de um ciclista ser gravemente atropelado por um automóvel. Temos de concordar com a maior honestidade de que os espelhos não foram implantados para substituir os sinais. Pois aqui como em todos entre casos ainda nada existe como o animal pensante.

Heróis de Portugal, Presente!

No dia de finados, em que os cemitérios se povoam de quantos numa romagem de sentida saudade vão depositar sobre as campas dos entes queridos, flores que traduzem no seu simbolismo não só uma homenagem como uma amizade que se prolonga para além da morte, a Delegacia Distrital da Mocidade Portuguesa Feminina mandou celebrar na Sé Catedral uma missa sufragando as almas dos que tombaram no Ultramar em defesa da Pátria. As futuras mulheres portuguesas quiseram assim recordar piedosamente nesse dia de tão amplo significado as vidas de quantos com o sacrifício maior das suas existências têm dado ao mundo agonizante na sua demagogia a lição maior dos designios sobrenaturais que alicerçam a grandeza da GREI LUSITANA.

E na altura em que mãos em prece ofereciam ao Senhor o sacrifício da imolação divina, pairava também no ar um clamor de portuguesesismo ao recordar com as suas vidas o prestígio e a grandeza dum PORTUGAL MAIOR!

João Leal

EXPLICADOR

Dá explicações do 1.º ciclo liceal e instrução primária, em regime particular ou em curso.

Nesta redacção se informa.

Recordar é viver!

Uma figura HISTÓRICA natural de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

feita pelo próprio génio que o concebeu e realizou.

Não vivia nem para si nem para os seus o homem que em dois períodos bem curtos de passagem pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, programou e realizou a maior e mais imponente escala de melhoramentos públicos, com uma ideia de grandeza inatingida ainda em Portugal.

Obra vasta, profunda, só própria de um génio e de um espírito de elite, talhada com um dinamismo e vontade férrea inquebrantáveis, preciso foi que a celsassem rudemente, abruptamente e mesmo assim ao serviço da Nação, para que se interrompesse.

Como exemplo e paradigma de virtudes, a sua ansiedade de perfeição criou escolas e tornou-se fonte de inspiração que se tem continuado a projectar em herança, dos seus sucessores.

Se levarmos em consideração que toda essa gama de empreendimentos e realizações se processou apenas em 9 anos de governo, teremos uma nítida ideia da profundidade da sua capacidade de projectar e conseguir.

Nasceu em Loulé a 19 de Abril de 1899, tendo completado o curso de Engenharia no Instituto Superior Técnico, com 24 anos.

Com tal distinção se houve neste curso, foi nomeado Professor Catedrático em 1925, portanto com 26 anos e no ano seguinte Director interino deste estabelecimento de ensino.

No dia em que completava 39 anos tomou posse da pasta da Instrução e no dia 5 de Julho de 1932 tomava conta, pela primeira vez, da Pasta das Obras Públicas e Comunicações.

Num desastre de automóvel, quando regressava de Vila Viçosa, de onde regressava sempre ao serviço da sua vida pública, encontrou a morte no dia 16 de Novembro de 1943.

Por subscrição feita entre todas as Câmaras do País, num exemplar gesto de gratidão pela memória do grande estadista que a todo o País estendera os benefícios da sua extremada acção, foi inaugurado em Loulé, com a presença do Ilustre Presidente do Conselho Dr. Oliveira Salazar, o grandioso monumento que perpetua a sua memória e simboliza a queda brusca da sua vida, no momento em que a sua obra estava em pleno florescimento.

Empregado

RAPAZ, com o Curso Industrial, oferece-se.

Nesta redacção se informa.



SILVES moderniza-se

SILVES — Acaba de ser aberta ao público, a Loja da Companhia Singer, na Rua Elias Garcia, N.º 31, desta cidade, que ficou sendo um moderno estabelecimento, de linhas elegantes e de bom gosto, sem dúvida um dos melhores desta progressiva Silves.

A Companhia Singer vem demonstrando ser seu firme propósito contribuir, quanto possível, para a modernização de localidades como aquela, correspondendo assim ao magnífico acolhi-

mento e simpatia que a Singer tem encontrado ali nos seus clientes.

A nova Loja foi entregue ao Agente Singer local, Sr. Amândio Conceição dos Santos, pessoa que sempre tem sabido merecer a confiança e a estima de todo o bom povo do concelho de Silves.

O novo estabelecimento destina-se, além de exposição e venda da já muito variada e bem conhecida gama de produtos Singer, ao ensinamento de Bor-

dados à Máquina, Corte e Trikot, serviços estes que estão a cargo de uma Instrutora devidamente habilitada.

Empregado

Precisa-se de empregado c/ conhecimentos rudimentares de serviços de escritório.

Nesta redacção se informa.

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 311 — 15-XI-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO 2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, de Loulé e 1.ª secção de processos, nos autos de acção de divisão de coisa comum n.º 124/63, em que são A. A. José Francisco Soares e mulher Maria Rodrigues Faisca Pires Soares, proprietários, moradores em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, n.º 41 e R. R. Maria Teixeira Faisca Duarte, viúva, doméstica, residente no sítio do Freixo Seco, freguesia de Salir, desta comarca e OUTROS, é citado o réu ANTONIO MARTINS GUERREIRO, casado, agricultor, actualmente em parte incerta e com a última residência conhecida no País na dita freguesia de Salir, no sítio da Pena, para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da 2.ª e última publicação deste anúncio, sob a cominação de se proceder a adjudicação ou à venda do imóvel cuja divisão se pretende e que é constituído por uma courela de terra de semear com árvores, denominada «Casarão» ou «Loendreiro», no sítio do Freixo Seco, freguesia de Salir, inscrita na matriz sob o art.º 14.563, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição do citando, nesta secção.

Loulé, 24 de Outubro de 1964

O Juiz de Direito,
(a) José António Carapeto
dos Santos
O escrivão de direito
(a) João do Carmo Semedo

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 311 — 15-XI-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO 1.ª publicação

Pela 2.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca de Loulé, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados ANTONIO RODRIGUES CAÇAPO e mulher DIONILDE PALMEIRA ALEIXO CAÇAPO, ele operário e ela doméstica, moradores em Frechen Bei Kohn Henrichstr. 8, Bei Nebelina, Alemanha Ocidental, para no prazo de DEZ DIAS posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução ordinária que aqueles executados movem os exequentes Joaquim Agostinho Cebola e mulher Maria Palmeira Aleixo, do sítio dos Quartos, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Loulé, 3 de Novembro de 1964

O escrivão de direito
(a) Henrique Anatólio Samora
de Melo Leote
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,
(a) José António Carapeto
dos Santos

VENDE-SE

Um monte, no sítio da Cabanita (Loulé) que se compõe de terra de semear com alfarrobeiras, oliveiras, figueiras, amendoeiras, etc., com casa de habitação e dependências agrícolas. Tratar com Joaquim Ramos Serusa — Rua 5 de Outubro — Loulé.

† Agradecimento

A família de Adelaide Maria Eusébio Rodrigues, no desejo de evitar qualquer falta involuntária, vem, por este meio, patentear a todas as pessoas o seu profundo reconhecimento e a sua gratidão pelas manifestações de pesar que lhe testemunharam por ocasião do falecimento da sua chorada parente e bem assim às que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e se interessaram pelo seu estado durante a doença que a vitimou.

Panorâmicas de Loulé...

(Continuação da 1.ª página)

cialmente nos sábados à tarde e apesar do trânsito ali ser só permitido para carga ou descarga, é fácil ver o elevado número de rapazes que perseguem as raparigas que se servem da mesma artéria, ou para irem às lojas ou para passeio, montados nas suas motorizadas em velocidade reduzida, dizendo piropos ou mostrando apenas a sua superioridade estética.

E, mal vai, se alguém se lembra de lhes dizer que a rua não é de trânsito, porque com a irreverência própria da época, acrescida do orgulho da vaidade ferida, ouve recriminações e respostas grosseiras quando não insultos.

Por outro lado, o número de automóveis estacionados nessa rua que, como dissemos, é vedada ao trânsito, é também inexplicável, sobretudo à noite em que a desculpa de carga ou descarga é puramente aléatória.

E eis como a rua, que deveria ser de trânsito reservado a peões se tomou numa das ruas mais reservadas a veículos automóveis.

*

Que tremendo pesadelo eu tive uma destas noites!

Sonhei que o nosso concelho estava em alameda.

Ainda tremia, horas depois de acordado e ter largado o leito, alarmado com a alucinação que me transtornara o espírito.

Parecia-me sentir ainda nos ouvidos a algazarra tremenda, a confusão diabólica, a gritaria dos crocitos que ia naquela Praça enorme, onde pululavam vendilhões e pregoeiros, procuradores, agenciários, corretores, comissionistas, avaliadores, árbitros, mediadores e trigonometristas, especuladores, regatões... uma multidão heterogênea de traficantes!

Constava que um grupo de teocratas, determinara que tudo era legítimo vender-se acriticamente, sem regra nem preceito, ao sabor da melhor oferta ou da maior necessidade de compra.

Insana, desbragada e revoltante, aquela determinação que degenerara em fórmulas de cabanlacho e de cambão, criara um espírito de comercialização aviltada, talvez com melhor tradução por pirataria.

Na órbita da mesma vinham

todos os factores da velharia, a derrota de todos os princípios de integridade e pudor e decência com o estabelecimento da devassidão, libertinagem de processos. Era enfim o salve-se quem puder... e tiver tempo.

O concelho fora dividido em lotes para uma partilha total! Ruas, casas, quintas, becos e praças, quintas, herdades, courelas, cercas ou quintais tudo era vendável!

Apenas era obrigatório um manifesto por parte de quem se afirmasse responsável pela transacção e as licitações sucediam-se por ordem cronológica desses manifestos, que eram alguns coleccionados, revistos, apreciados e ligeiramente estudados de harmonia com os pareceres dos diversos intervenientes no seu faseamento.

Quando chegavam às mãos dos pregoeiros já iam com todos os encargos do custo, comissões, alcavalas processuais e a maquia devida que era previamente estipulada.

As facilidades resultantes deste praxeamento incessante e alucinante eram alardeadas pelos especuladores, numa fantástica gritaria publicitária, que era um alarido suficiente para abafar os gemidos e queixumes dos espoliados.

Havia ainda uma percentagem de agentes que faniavam por fora e contentavam-se com pequenas lambetas que caíam das mãos dos beneficiados só por farejarem algum lote esquecido de resgo aparente.

Felizmente que tudo isto foi um sonho, um pesadelo horrível, uma alucinação imaginária, que, ainda hoje, pergunto a mim mesmo, porque me ocorreu tal devaneio sonal.

R. P.

AVIÁRIO

VENDE-SE toda a existência de um aviário (galinhas, chocadeiras, pintos, etc.).

Tratar com Gervásio Neto de Sousa — Barreiras Brancas — LOULÉ.

Secretaria Notarial de Loulé

SEGUNDO CARTÓRIO A CARGO DO NOTÁRIO SALVADOR RODRIGUES MARTINS PONTES

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que na escritura de doze de Novembro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas 6 verso, a folhas 8, do livro de notas número 14-A — para escrituras diversas, deste Cartório, (uma escritura de justificação) compareceram como justificados Francisco Dias dos Santos, Gertrudes da Conceição Correia, proprietários, residentes no sítio da Patá de Baixo, freguesia e concelho de Albufeira, e como confirmantes das respectivas declarações António dos Santos, casado, residente no sítio da Patá, freguesia de Boliqueim, deste concelho; Francisco da Encarnação, casado, residente no referido sítio da Patá de Baixo, freguesia e concelho de Albufeira, e José Martins Antão, casado, residente no mesmo sítio e freguesia, estes três proprietários.

Que os justificantes nos termos do artigo cento e noventa e oito do Código de Registo Predial, declaram que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do prédio seguinte: Courela de areia de pequena cultura, com algumas figueiras e vinha no sítio dos Foros, nas Varzeas de Quarteira, denominada «PORTO DA AREIA», na dita freguesia de Albufeira, que confina do nascente e norte com José de Brito da Mana e Silva, ponte com herdeiros de José Adrião e sul com mar, inscrita na respectiva matriz rústica sob o artigo quatro mil quinhentos e vinte e três (anterior cinco mil quinhentos e vinte e cinco) com o rendimento colectável de cinquenta e um escudos e o valor matricial de mil e vinte escudos, não descrita na Conservatória do Registo Predial do concelho de Albufeira.

Que o prédio em referência foi comprado pelo justificante marido há mais de trinta anos, precisamente em Janeiro de mil novecentos e trinta e três, a Francisco de Brito da Mana Sobrinho, divorciado, proprietário, residente no sítio do Monte Chôro, da freguesia de Albufeira, pelo preço de oitocentos escudos, tendo sido paga a respectiva sisa pelo conhecimento número oitenta e vinte e dois de Março de mil novecentos e sessenta, e desde esse ano de mil novecentos e trinta e três eles justificantes, têm-no

possuído em nome próprio, pública, pacífica e continuamente, adquirindo-o por prescrição, não tendo outro título de aquisição para prova do seu direito de propriedade, por o respectivo contrato de compra e venda não ter sido deduzido a escrito e entretanto ter falecido o vendedor.

Os declarantes confirmam as declarações feitas pelos justificantes.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa e teor parcial, que vai conforme ao original, não havendo na parte omitida nada que amplie, restrinja, modifique ou condicione, a parte transcrita.

Loulé, doze de Novembro de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Notário,

Salvador Rodrigues Martins
Pontes

Esclarecimento

O sr. José de Brito da Mana, do Arieiro, faz publicar no penúltimo número deste jornal um agradecimento em que a verdade não é suficientemente esclarecida, dando origem a que terceiros pessoas tirem daí ilações que não estão no âmbito do signatário, o qual aliás não pretende desmentir a verdade dos factos apontados por aquele senhor, mas apenas esclarecer que os serviços do automóvel do sr. Brito foram solicitados no momento exacto em que o signatário se encontrava sem sentidos e portanto carecido de socorros urgentes.

Por natural instinto de solidariedade humana, as pessoas que presenciaram o desastre pediram auxílio a quem se encontrava mais próximo do local e fizeram-no porque não tinham conhecimentos bastantes para discernir se se tratava de leves escoriações ou de graves lesões internas — e daí a má impressão causada pela atitude tomada por aquele senhor.

Várias pessoas se dirigiram ao signatário estranhando a confusão de afirmações contraditórias — e só por isso se presta este esclarecimento.

Arieiro, 16 de Novembro de 1964

Eduardo Pires Bonifácio

Justificação

Certifico, para efeitos de publicação, que no Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Loulé, a cargo do notário Licenciado José Alves Maria, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, no livro de notas para escrituras diversas, número dezanove - C, de folhas cinquenta e quatro, verso, a folhas cinquenta e sete, outorgada no dia cinco do mês corrente, na qual João Marques Fernandes, empregado de escritório (correspondente), e mulher, Delfina Maria de Azevedo Fernandes, doméstica, residentes em Lisboa, na Rua Fialho de Almeida, número quarenta, terceiro, direito, se declararam, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores de uma courela de terra de areia e de semear, com figueiras e vinha, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, deste concelho de Loulé, que confina do nascente com Manuel Eliseu (antes com João Martins Julião), do norte com Manuel Eliseu e outros, do poente com Maria Catarina e do sul com caminho, inscrita na matriz predial respectiva, em nome do justificante João Marques Fernandes, sob o artigo mil seiscientos quarenta e três, com o valor matricial de quatro mil e duzentos escudos, e a que atribuíram o de sessenta mil escudos.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que este prédio lhes pertence por ter sido comprado pelo justificante marido, pelo preço de sessenta mil escudos, a Manuel Rosa, marítimo, e mulher, Maria Dias de Jesus, doméstica, residentes no sítio dos Cavacos, referida freguesia de Quarteira, por escritura lavrada no dia cinco do mês em curso, de folhas sessenta e três, verso, a folhas sessenta e cinco, verso, do livro número dezanove - A, de notas para escrituras diversas, deste Cartório.

Que, por força do disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título bastante para o registo, mas a verdade é que os transmitentes, referidos Manuel Rosa e mulher, eram os titulares do direito de propriedade vendido, também com exclusão de outrem, por o haverem comprado em mil novecentos e trinta e sete, a Francisco de Sousa, marítimo, e mulher, Isabel da Conceição, doméstica, residentes no referido sítio dos Cavacos, pelo preço de quinhentos escudos, por contrato meramente verbal.

Que, por falta desta escritura de compra, não lhes é possível comprovar esta aquisição pelos meios normais.

Que as declarações supra foram confirmadas por Francisco de Sousa Pontes, industrial, José Coelho, proprietário, e José Coelho Júnior, industrial e proprietário, todos casados, residentes na povoação e freguesia dita de Quarteira.

Está conforme ao original na parte extractada, nada havendo naquele em contrário ou além do que se certifica e transcreve.

Secretaria Notarial de Loulé, nove de Novembro de mil novecentos e sessenta e quatro.

O notário,
José Alves Maria

A construção do novo Edifício para a Escola Técnica

(Continuação da 1.ª página)

cidade de Faro, cujo Liceu foi construído «longe» mas que abriu novas e vastas perspectivas à expansão da cidade e se integrou completamente no seu conjunto.

Creio poder afirmar que a construção do novo Liceu e do Mercado fora da área central de Faro contribuíram decisivamente para que naquelas zonas se erguesse uma autêntica nova cidade, que é hoje o orgulho dos farense.

Por isso, entendo que, colocar a Escola Técnica dentro do Parque é, positivamente, desperdiçar uma oportunidade ímpar de fomentar o progresso urbanístico de Loulé, pois a Vila não poderá alargar-se dentro do Parque nem em redor da Escola.

O que Loulé precisa, realmente, é que sejam rasgados novos e mais amplos horizontes em sua volta, para que possam ser criadas zonas residenciais e se proporcione aos louletanos a possibilidade de «construir na sua terra».

Há muito quem queira edificar em Loulé mas emprega o seu dinheiro em casas que se situam em Faro, Almada, Lisboa, Balxa da Banheira, etc. porque não consegue encontrar em Loulé quem lhe venda terreno em razoáveis condições de situação e preço.

Antes de se pensar no Parque Municipal para edificar uma Escola, parece-nos que seria preferível envidar todos os esforços no sentido de se abrir a projectada estrada de circunvalação e fazer daí o ponto de partida para um Loulé maior, sem necessidade de se escostarem prédios modernos a velhos muros nem esboçar o sonho dum Estádio no conjunto de um belo Parque, dentro do qual este melhor se harmonizaria com uma Piscina ou um Parque Infantil do que com uma Escola.

Eu bem sei que o terreno do Parque é propriedade da Câmara, é plano e já tem ruas e que urbanizar novas zonas implica a criação de muitos e complexos problemas cuja solução exige muita persistência e muito trabalho, porque é preciso sondar condições, comprar ou talvez apropriar terrenos.

Tudo isso exige muito esforço e elevada dose de boa vontade. Pois exige realmente, mas não

nos esqueçamos que é nos grandes momentos que se conhecem os grandes homens e Loulé ficaria para sempre reconhecida a quem conseguisse alargar os seus horizontes, tal como hoje deve estar grata aos homens que rasgaram as 2 belas Avenidas que encantam quantos nos visitam e encham de orgulho os seus habitantes.

Se se tivesse aguardado chegar a acordo para a compra dos terrenos onde está implantado o monumento ao Eng. Duarte Pacheco talvez ainda hoje só existisse o projecto. E tanto assim que a Avenida General Camarmona ainda está (há tantos anos, santo Deus!) votada ao mais desolado abandono! Bem, eu não estou dizendo que a Câmara tenha culpa de não haver prédios naquela espaçosa Avenida. Não. Estou apenas frisando que ali se construíram (em 15 anos!) apenas 2 edifícios, apesar de se tratar do melhor local a urbanizar. E até quando aquela bela Avenida continuará despojada?

Implantar o edifício da Escola no Parque será a maneira mais cómoda de resolver o problema, mas não é a mais lógica (na minha opinião), nem a que melhor se harmoniza com os interesses da Vila.

Haverá, certamente, possibilidades de edificar a Escola fora do Parque e enquadrá-la num conjunto urbanístico que facilite a expansão de Loulé. Já um estádio não se harmoniza dentro dum zona residencial.

E do conhecimento público que a Câmara não aceitou a oferta de 10.000 m² de terreno que lhe seriam cedidos para a construção da Escola, numa zona para onde a Vila poderia alargar-se, mas não me compete discutir essa atitude porque ignoro os motivos que teriam justificado essa atitude. Cito este caso apenas para demonstrar quanto seriam valorizados os terrenos circunvizinhos dessa construção, o que poderá ser um estímulo para os proprietários a quem o caso possa interessar.

*

Aceito que seja muito poético proporcionar à juventude que vem a frequentar a Escola Técnica aprazíveis lugares ajardinados para estudo, recreio e até para os seus devaneios amorosos, mas reparo que a Escola Técnica

AS TERMAS da Fonte Santa

(Continuação da 4.ª página)

desde há muitos séculos que o povo acredita e verifica os resultados, quase milagrosos, dessa fonte, razão por que lhe chama «Santa».

Na realidade, está provado que os Romanos já a utilizavam e também os Mouros.

Embora se diga que as termas «passaram de moda», a verdade é que a hidroterapia continua e continuará a ter grande número de adeptos, não só entre os que a ela acorrem, mas também entre os médicos. Acresce o facto de, sendo os atractivos das praias o que mais fez diminuir a afluência às termas, a Fonte Santa, pela sua situação a dois passos do mar e da magnífica praia de Quarteira desfruta de uma situação privilegiada.

Os planos de instalação do estabelecimento termal já estão feitos?

O anteprojecto já deu entrada nas repartições competentes e aguarda aprovação, que certamente lhe não será negada. A «Sotaqua» tudo fará para que o complexo termal da Fonte Santa, com os seus balneários, fontanários e instalações para os aquistas, seja verdadeiramente modelar e digno da lindíssima região em que se encontra.

O Senhor General disse «balneários», no plural... Isso significa que haverá mais do que um?

Não ignoramos que o povo agarrado receia que a concessão que nos foi feita o prive da livre utilização da «nascente milagrosa», e por isso murmura... mas, a «Sotaqua» irá de encontro a esse legítimo desejo, dotando o complexo de uma zona popular em que, com a colaboração da Câmara Municipal de Loulé, os menos favorecidos continuarão a colher gratuitamente os benefícios da Fonte Santa.

E uma agradável notícia, que a todos deve deixar satisfeitos.

Posso assegurar-lhe que a escala da obra estará de acordo com o valor terapêutico da Fonte Santa. Dentro de pouco tempo — pois as obras começaram logo que seja aprovado o projecto — o Algarve poderá orgulhar-se de um conjunto que em nada desmerecerá dos mais famosos estabelecimentos termas do País e do estrangeiro. As termas da Fonte Santa ficarão a ser das mais modernas da Europa, sem contudo «ofenderem» por excessos descabidos, a amenidade da paisagem que as enquadra.

No momento em que vai dar-se início a um empreendimento que muito valorizará o concelho de Loulé, não posso esquecer o entusiasmo, nem o espírito de iniciativa daqueles que, algavios, como eu — e na sua maioria louletanos — consubstanciaram a ideia do aproveitamento das águas da Fonte Santa.

Por tão bela e proveitosa iniciativa aqui lhes presto as minhas homenagens», acrescentou o sr. General Antunes Cabrita.

Tratando-se de um tão valioso, quanto útil empreendimento, é natural supor que à «Sotaqua» tenham sido facultadas todas as possíveis facilidades para que não seja retardado o prosseguimento dos trabalhos já iniciados.

Das repartições de Lisboa, apenas temos notado demoras plenamente justificadas e da Câmara de Loulé temos recebido o maior apoio e carinho para vencer dificuldades surgidas.

E tanto assim que não posso terminar sem testemunhar ao sr. Presidente da Câmara, através da «Voz de Loulé» os meus agradecimentos pelo gentil acolhimento que tem dispensado à Administração da «Sotaqua» e que tanto nos tem sensibilizado e dado ânimo para que prossigamos tão rapidamente quanto possível na obra cuja realização esmos grandemente interessados.

Com estas palavras do sr. General Antunes Cabrita estava terminada a entrevista que tão amavelmente se prestou a conceder ao nosso modesto jornal o ilustre militar, cujo amável trato e despretencioso convívio nos cativou plenamente, contribuindo ainda mais para justificar a nossa deslocação à acolhedora e progressiva Armação de Pera.

Reparámos mais uma vez quanto o «Hotel Garbe» está contribuindo para a fama e prestígio daquela bela praia e até do Algarve... regressámos sonhando no que poderá ser Quarteira quando estiver em funcionamento o complexo conjunto termal que a «Sotaqua» vai construir na nossa praia.

J. M. Piedade Barros

Deixo a resposta à consideração dos leitores até porque ignoro os motivos e posso estar errado no que penso.

UM MUNICIPE

Noticias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Novembro:

Em 6, o menino Nuno José Martins Soares Louro.

Em 10, o menino Dominique das Neves, residente em França.

Em 16, o menino Jaime Carusca Lampreia, residente em França.

Em 17, a menina Isabel Maria Rodrigues Laginha Ramos e o sr. Manuel José Mendes Barreiros.

Em 18, o menino Armando Carrusca Lampreia, residente em França.

Em 19, a sr.^a D. Antonieta Garcia Gonçalves, residente em Setúbal, os srs. Manuel Gonçalves Cachola, José João Valério Esteves e a menina Isabel Maria Rodrigues Guerra.

Em 20, o sr. José Mendonça Horta e o menino Walter Ricardo Guerreiro da Piedade Caracol e o sr. Manuel Amaro.

Em 21, os srs. Capitão António Alberto Carrilho Cavaco, residente em Moçambique e José João Melro, residente em Alcaniz-Gare e a menina Maria Paula Sá Pereira Pinto.

Em 22, o sr. João Júlio Lima e a sr.^a D. Maria da Conceição Almeida, residentes em Moçambique.

Em 23, a sr.^a D. Maria das Dores Cristóvão da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa, o sr. José Cavaco Vieira, residente em Alte, e a menina Maria Rosa Serafim Campina, residente em Lisboa.

Em 24, as srs.^{as} D. Francisca Dias da Piedade Formosinho, D. Bárbara da Conceição Coelho Guia, residente em Grandola e D. Maria Esteves Farrajota Bento e o sr. Manuel José Brito da Mana e as srs.^{as} D. Maria Graciete Domingues e D. Maria da Glória dos Santos Paulino.

Em 25, a sr.^a D. Maria Júlia Nascimento Costa.

Em 26, a sr.^a D. Maria Lúcia Vendas Pinto Lopes Elias Garcia, residente em Faro, as meninas Alberta Maria da Silva Fúlho, Maria Felismina Gomes Coelho e o sr. José Manuel Martins de Sousa Eusébio.

Em 27, a sr.^a D. Felismina Antunes Pires e os srs. João Angelo dos Santos Delgado e Valdemar Romeiras Herculano, residente em Moçambique.

Em 28, a sr.^a D. Maria do Carmo Coelho Corpes, residente em Lisboa, os srs. Modesto Guerreiro e Luís Henrique de Sousa Clemente.

Em 29, as meninas Dália Maria da Silva Clemente e Maria Rosa Eusébio de Ascensão.

Em 30, a sr.^a D. Maria Augusta Cabral Canelas e o sr. José Aniceto Costa.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, esteve em Loulé o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. Ventura Rocheta Gomes, Conservador do Registo Civil de Olhão.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso estimado contrerrâneo e categorizado fotógrafo sr. Afonso Falcão Silva Nogueira, cujos conhecimentos profissionais são garantia segura dos trabalhos que forem confiados à «Foto-Optica Loução», de Olhão, onde aquele nosso amigo fixou residência após 20 anos de ausência na Capital.

Acompanhado de sua esposa, a nossa contrerrânea sr.^a D. Joana dos Santos Mata Pereira, esteve alguns dias em Loulé o nosso prezado amigo sr. José Dias Pereira.

Regressou há dias de Paris, onde foi frequentar um curso de arte de pentear, a nossa contrerrânea e dedicada assinante sr.^a D. Ana Maria Vairinhos Dias, cabeleireira em Lisboa.

ALEGRIAS DE FAMILIA

João Paulo, é o nome do robusto bebé nascido na Clínica do

EDITAL

PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES — 1963

Durante todos os dias úteis do próximo mês de DEZEMBRO encontra-se à cobrança, à boca do cofre, nas Tesourarias da Fazenda Pública os seguintes impostos:

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECÇÃO A — 1963

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECÇÃO B — 1963

O imposto deverá ser pago durante o mês de DEZEMBRO, do ano seguinte àquele a que respeita.

Não sendo pago o imposto no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Para constar se passou o presente e idênticos que vão ser tornados públicos, afixados na Tesouraria da Fazenda Pública e na Repartição de Finanças.

sr. Dr. Manuel Cabeçadas, no dia 11 de Outubro e de que são pais a sr.^a D. Maria de Lurdes Neves Carvalho Oliveira e Sousa e o nosso contrerrâneo e prezado amigo sr. Viciêlo Manuel Oliveira e Sousa.

Endereçamos os nossos parabéns aos felizes pais e avós e desejamos as maiores venturas para o recém-nascido.

BAPTISMO

Na Igreja Matriz de Loulé realizou-se no passado dia 26 de Outubro a cerimónia do baptismo do menino Henrique José, filho do nosso prezado amigo e estimado assinante sr. Dr. Jacinto Duarte e de sua esposa sr.^a D. Maria José B. Duarte.

Apadrinharam o acto o sr. Dr. Jorge de Abreu e Silva e sua esposa sr.^a D. Maria Carlota Abreu Silva.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo e abundante «copo de água» em casa dos pais do neófito.

FALECIMENTOS

Com a bonita idade de 98 anos, faleceu em casa de sua residência nesta vila, no passado dia 10 do corrente, o nosso contrerrâneo sr. João Guerreiro Matos Lima, proprietário, viúvo da sr.^a D. Adelaide do Carmo Cavaco Matos Lima e pai do nosso prezado assinante sr. Manuel Guerreiro Matos Lima, proprietário, casado com a sr.^a D. Cecília Ascensão Carriho Lima, professora aposentada; da sr.^a D. Elisa Guerreiro Matos Lima Salgadinho, casada com o sr. Manuel Miguel Salgadinho e do sr. António Guerreiro Matos Lima (falecido) e avó das srs.^{as} D. Maria Odete Matos Lima Salgadinho Santos e D. Noémia Guerreiro Matos Lima Aranha e dos srs. Leopoldo Torres Santos, Inácio do Nascimento Aranha e José João Guerreiro Matos Lima.

Devido a uma congestão cerebral, faleceu há dias no Hospital de Loulé, o nosso contrerrâneo sr. Manuel Silvério Marques, abegão, de 58 anos de idade, que deixa viúva a sr.^a D. Genoveva Sousa Ribeiro e era pai das srs.^{as} D. Valentina Silvério Marques da Silva, casada com o sr. Manuel Martins da Silva, viajante da U.M.A.L. e do sr. João Silvério Marques e irmão das srs.^{as} D. Adelina Silvério Marques e D. Florinda Silvério Marques e do sr. José Silvério Marques.

Com a idade de 59 anos, faleceu nesta vila no passado dia 10 do corrente, o sr. Adelino dos Santos Floro, comerciante, que deixou viúva a sr.^a D. Maria das Dores Godinho dos Santos e era pai do sr. Joaquim Adelino Godinho dos Santos, funcionário da Câmara de Loulé, casado com a sr.^a D. Maria de Lourdes Sousa dos Santos e das srs.^{as} D. Rosália Maria Godinho Floro e D. Maria Adelina dos Santos Floro, casada com o nosso dedicado assinante na Venezuela sr. Reinaldo Viegas de Sousa.

Contando 77 anos de idade, faleceu em casa de sua filha, nesta vila, no passado dia 12 do corrente, a sr.^a D. Maria dos Santos Passos, viúva, mãe das srs.^{as} D. Maria dos Santos Centeno Passos, casada com o nosso prezado assinante sr. Manuel dos Santos Centeno Passos, proprietário da Garagem Avenida; D. Celeste dos Santos Celorico e de D. Maria de Lourdes Santos Brandão e do sr. Manuel Henrique Passos.

Também faleceu nesta vila, no passado dia 10 do corrente, a sr.^a D. Maria do Rosário Mendonça (Rosarilha), que contava 74 anos de idade. Deixa viúvo o sr. José Rodrigues Apolinário (José Rosa) e era mãe dos srs. Dr. José João Tiago Apolinário, professor do Ensino Técnico em Silves, casado com a sr.^a D. Lúcia Apolinário e do nosso prezado assinante e amigo sr. José da Palma Mendonça, 1.^o sargento da Armada, casado com a sr.^a D. Aida Mendonça.

Com a idade de 88 anos, faleceu no dia 3 do corrente em casa de sua residência nesta vila, a sr.^a D. Elisa Pereira de Lemos, natural de Gavião, solteira, tia estremosa do nosso prezado amigo e estimado assinante sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, Veterinário Municipal de Loulé.

Como consequência de uma queda de cima de uma oliveira, faleceu no Hospital de Loulé, no passado dia 23 de Outubro, o nosso contrerrâneo sr. José Guerreiro Virote, proprietário, de 65 anos de idade, que deixa viúva a sr.^a D. Maria da Conceição dos Santos Correia e era pai das srs.^{as} D. Maria Odete Correia Virote Laginha, casada com o sr. Manuel de Sousa Laginha e D. Teresa Maria Correia Virote Luzia, casada com o nosso prezado assinante sr. José Manuel Coelho Luzia e do sr. José Correia Virote, casado com a sr.^a D. Maria Amélia Virote e irmão do nosso dedicado assinante sr. Joaquim Correia Virote, comerciante da nossa praça.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

O APROVEITAMENTO TERMAL da FONTE SANTA



O Sr. A. de Castro e Sousa, Administrador-Delegado da «Sotaqua» explica-nos pormenores do Plano

O Carnaval aproxima-se

(Continuação da 1.^a página)

ficará completa a obra de desagrégacao que vem a processar-se na nossa terra e que tanto a tem prejudicado no conceito das demais.

E portanto ainda acreditamos na boa vontade dos homens e no seu espirito de compreensão e tolerância. Estamos animados da esperança de que há-de realizar-se uma união de esforços para que seja retomada a tradição e com o brilhantismo que caracterizou as nossas festas nos seus aureos anos.

Agora, tal como outrora, o Carnaval de Loulé pode ser uma manifestação de acentuado bom gosto e de requintada beleza. Ou será que se esgotou a nossa capacidade criadora?

As nossas festas sempre tiveram e continuam a ter a simpatia do povo, que as sente como verdadeiramente suas porque lhes dá a sensação de poder esquecer as suas dificuldades quotidianas. E sempre atraíram forasteiros ávidos de bons espectáculos que lhes eram proporcionados através de elegantes cortejos que primavam pela distinção e bom gosto.

Em vez de descer, o nível artístico das nossas festas poderá ultrapassar aquelas características que bastaram para lhes dar bom nome e merecida fama que de há muito vêm gosando. Basta que os louletanos queiram e que haja quem os ajude. A época actual é muito mais rica em possibilidades técnicas e de concepção do que as épocas passadas.

Não deverá ser considerada a colaboração daqueles que de qualquer modo pretendam diminuir o esplendor de uma festa cujas tradições características devem ser mantidas, pois só assim Loulé poderá continuar a afirmar-se com aquela galhardia dos que sabem impor-se pelos próprios méritos.

É inegável que as dificuldades são cada vez maiores e que as dedicações rareiam cada vez mais. É certo que os velhos «carolões» começam a estar cansados — cansados de tanto esforço despendido; cansados de tantos sacrificios feitos; cansados de tanta incompreensão e má vontade e cansados, alguns deles, da ingratitude dos homens. Mas, assim mesmo, animados pela satisfação do dever cumprido, ainda serão capazes de continuar lutando pelo bom nome da terra que tanto estimam. E podiam fazê-lo sem grandes esforços; bastava incutir nos jovens o amor pelas coisas do Carnaval. Ajudá-los com a sua experiência; orientá-los com o seu saber; ampará-los com o seu conselho paternal; incutir-lhes confiança em tarefas de responsabilidade; iniciá-los na orgânica da complexa estrutura que é preciso montar para que a festa não seja um fracasso; convidá-los a desempenhar funções para que estejam aptos; colocá-los em situações em que tenham de pôr à prova um espirito de iniciativa e dinamismo que deve ser uma característica da juventude, daquela juventude que tem necessidade de sentir o peso das responsabilidades para saber enfrentar os revezes da vida.

É necessário chamar os jovens às fileiras do bairroismo para incutir neles amor pelo torrão natal, para que se não extinga a chama ardente de um ideal regionalista, forjando-se assim a possibilidade de surgirem «carnaluses novos».

Eles devem ser convidados a colaborar para desenvolver as suas ideias proveitosas e o seu trabalho útil. Ou será que não se conseguirá encontrar jovens dis-

(Continuação da 1.^a página)

— Não há exagero em afirmá-lo. De facto, uma portaria de 20 de Janeiro de 1963, assinada pelo Senhor Subsecretário da Indústria, mediante parecer favorável da Direcção Geral de Minas, concedeu à «Sotaqua» o direito de prospecção hidrográfica da Fonte Santa, trabalhos que deveriam estar concluídos dentro do prazo de 2 anos a contar dessa data. Pretendemos respeitar esse prazo e transformar aquela zona numa autêntica estância termal do mais elevado nível.

— Temos visitado ultimamente a Fonte Santa e reparado na actividade ali desenvolvida pela «Sotaqua» e por isso temos curiosidade em saber como estão decorrendo os trabalhos ali executados.

— Os trabalhos de prospecção hidrográfica estão sob a competente orientação do engenheiro de minas sr. Artur Augusto da Fonseca e encontram-se praticamente concluídos.

Os resultados excederam as expectativas mais optimistas, pois o caudal de água mineral-medical da Fonte Santa é abundantíssimo e as suas qualidades curativas foram cientificamente confirmadas pelas maiores autoridades nessa matéria, entre as quais podemos incluir o nome do conhecido médico hidrologista Dr. Ascensão Contreiras, nosso abalizado director clínico, e que desde há longos anos é um acérrimo defensor da terapêutica destas águas.

Nesse caso, Sr. General, está provado que o povo tem sobejas razões para acreditar nos benefícios dos banhos da Fonte Santa?

— Não há dúvidas de que o povo tem razão. De resto, contra o que muita gente supõe, o povo muito raramente se engana. E

(Continuação na 3.^a página)

Energia e Persistência

Com a intenção de bater o record mundial de permanência sobre uma bicicleta em movimento, esteve em Loulé o sr. Evaristo Duarte Neto, que proporcionou aos louletanos a oportunidade de assistirem a um acontecimento único no nosso meio: um ciclista a percorrer ininterruptamente a Avenida José da Costa Mealha, em marcha de passeio durante 65 horas consecutivas.

Numa autêntica prova de resistência que é um desafio à integridade do homem, durante quase 3 dias o sr. Evaristo Neto percorreu a nossa Avenida sem parar, sem dormir e comendo o mínimo possível.

Parece inacreditável alguém poder realizar tão grande esforço físico... apenas para cometer uma proeza invulgar.

O persistente ciclista pretendia bater o record mundial que é de 78 horas mas não resistiu à dura prova e teve que desistir ao completar as 65 horas.

O facto foi bastante apreciado e também muito censurado em Loulé, pela «madureza» do feito.

postos a trabalhar pelo engrandecimento da sua terra?

Não acreditamos e esperamos que os jovens não nos desiludam.

Loulé confia na sua mocidade para que as suas Batalhas de Flores retomem o brilho que já tiveram e que é necessário manter.

Não haverá por aí jovens capazes de sacrificar algumas das suas horas de lazer em benefício do Carnaval de Loulé?

Pelo menos aqueles que mais desolados ficaram com a não realização dos festejos de 1964, temos a certeza que serão capazes de fazer tudo o que estiver ao seu alcance. Esses mesmos que marcaram presença nos cortejos de Messines e de Moncarapacho. São elementos aproveitáveis.

UM ESTABELECIMENTO DE BOM GOSTO

AO SERVIÇO DO PÚBLICO DE BOM GOSTO

Ao transferir-se para as suas novas e modernas instalações, a

CASA MIMOSA

interessa-se especialmente por proporcionar ao público de Loulé a possibilidade de vestir melhor — comprando o que há de melhor e com mais amplas possibilidades de escolha.

a CASA MIMOSA

agradece uma visita de todos os seus clientes e do público em geral, para mais completa apreciação da vasta gama de artigos para SENHORA e HOMEM

CASA MIMOSA

ao dispor de V. Ex.^a na

Praça da República (em frente da Câmara Municipal)

LOULÉ

AINDA O PARQUE E A ESCOLA

(Continuação da 1.^a página — 3.^a coluna)

dos pelegadores, têm estado isentados do veneno que inutiliza ou da pegonha que mata.

Todavia, não é prudente brincar demoradamente com o fogo e até porque, a quem não esteja habituado a ver «floretear», um toque pode parecer ferida, desejamos continuar a debater o problema de modo a evitar atritos ou quíslas pessoais e, se possível, em estilo «mesa redonda», para que o leitor, e só o leitor, seja juiz.

Cumprimos o nosso dever afirmando uma questão que, sem dúvida, interessa a Loulé.

Posta em debate, basta-nos a nossa presença e que a solução, seja ou não a que preconizamos, seja fundamentada de modo a confirmar a nossa razão ou a demonstrar «a sem razão» de «a nossa razão assiste», até mesmo a nos convencer...

No entanto, à laia de epílogo e sem intuito de reatar discussões, deixemos M. G. responder a dois pontos da sua epístola (creia que na referência ao postal não houve agastamento nem tão pouco, ponta de ironia).

O primeiro é o que se relaciona com o Conselho Municipal.

Não haverá que assalhar (ao leitor o que interessa neste caso é o Parque e a Escola) pormenores, M. G. sabe como tudo se processou e, se se lembrar (e lembra-se tenho a certeza) de uma atitude alheia e de uma significativa frase sua) reconhecerá que temos razão e que o que deixa dito sobre o assunto é... a fachada oficial.

O segundo é a tentativa que diz ter sido feita junto do autor do editorial de «A Voz de Loulé», como se lê na sua carta ao «Jornal do Algarve».

Pode daí inferir-se que essa tentativa foi infrutífera por culpa do abordado e que este «achou bem a ideia de se edificar a Escola no Parque» o que, colocado como está, entre aspas, equivale a reprodução *ipsis verbis* do que teria sido dito.

Ora tal tentativa pareceu mero exame ao local, porque logo foi afirmado, ou pelo menos dado a entender, que a área da propriedade era muito superior ao terreno de que a Câmara necessitava e a sua aquisição seria anti-económica. Assim, nem por tentativa de proposta tal troca de impressões e ida ao local, foram tomadas pelo autor do editorial.

Nessa ocasião M. G., apesar da insistência do abordado, fugiu sempre a dizer para que fim desejava a Câmara o terreno e só 3 dias depois uma das pessoas que o acompanhava deixou transparecer — sem tão pouco o afirmar inequivocamente — que seria para um campo de jogos.

Admiramo-nos porque, se como se dizia, a Câmara lutava com falta de fundos para comprar terreno para a Escola, como ia, sem o problema daquele resolvido, investir quantia necessariamente vultuosa, num campo de jogos? Se estava um previsto no Parque o que justificaria o Ir-se-la abandonar definitivamente o projecto do Parque Municipal?

M. G. evitou dizer o destino do terreno a adquirir porque isso implicaria ter de esclarecer quanto à utilização da parte do Parque para assento da Escola, o que sabia ser combatido por nós e cremos que só por isso. Como podíamos produzir a afirmação espada?

É talvez confusão de M. G. pelo menos como aceitação incondicional.

Ou não será assim? Ao resto da resposta, porque

(Continuação da 1.^a página — 2.^a coluna)

Aliás, J. R. que as solicitou de forma mais espectacular do que se esperaria da sua condições de procurador do Município, cujas portas jamais se lhe fecharam, será o primeiro a não se vencer com a excessiva amargura que pretende incutir às suas queixas.

Sabemos que foi componente do Conselho Municipal, como representante da Misericórdia, quando Provedor. E, quando se aguardava que lá prosseguisse, pelo Grémio da Lavoura, visto ser seu presidente, preferiu que fosse confiada a outrem tal representação. Será dos componentes da Câmara a culpa por essa decisão?

Eis, caro J. R., o que ao fazer desta me oferece dizer, igualmente sans rancune.

M. G.

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 311 — 15-XI-1964

Tribunal Judicial

da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.^a Publicação

No dia 27 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de execução por custas que o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca move aos executados CUSTODIO JOAQUIM CORREIA e mulher TERESA DIAS MENDONÇA, ele comerciante e ela doméstica, moradores, no sítio de Pombal, freguesia de Querença, por apenso ao processo sumário que lhes moveu a «União de Mercarias de Algarve, Limitada», de Loulé há de ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado pelo maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte imóvel penhorado àqueles executados, no qual é depositário judicial o Senhor João da Silva, casado, proprietário, morador em Loulé:

IMÓVEL A PRACEAR:

Uma morada de casas térreas com nove compartimentos, um destinado a comércio e oito a habitação e uma dependência, no sítio do Pombal, freguesia de Querença, deste concelho, que confina do nascente e sul com Custódio Joaquim Correia, norte com estrada e poente com o poço da Câmara Municipal, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 32.283, e inscrita na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 929, com o valor matricial de Esc.: 4.200\$00, valor por que será posto em primeira praça.

Loulé, 6 de Outubro de 1964

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

O Juiz de Direito

O Juiz de Direito, 1.^o Substituto, Jacinto Duarte

é esgrima (não há ironia...) ou não há interesse em discutir ou não que corresponde a uma posição de esgrimista leal... «tough»...

J. R.